

## Mão direita de Lurdes Pintasilgo faz balanço da acção governativa

Em declarações exclusivas para o «DL», a «mão direita» da Primeiro-Ministro, Teresa Santa Clara Gomes, comenta o estilo de governação do executivo Pintasilgo: «Um balanço francamente positivo».



TERESA SANTA CLARA GOMES AO «DL»

## “Cem dias” com balanço positivo

Um balanço francamente positivo é o que resulta da actividade do V Governo Constitucional, afirmou ao «D.L.» a secretária de Estado adjunta do Primeiro-Ministro, Teresa Santa Clara Gomes.

Após pouco mais de cem dias de governação pode-se afirmar que o Executivo chefiado por Maria de Lurdes Pintasilgo imprimiu um estilo novo na gestão dos negócios públicos, apesar da situação peculiar em que se encontra desde que foi nomeado.

Teresa Santa Clara Gomes apontou-nos dois planos distintos de intervenção que caracterizaram a actuação do V Governo. Por um lado, verificou-se uma grande proximidade em relação aos problemas do dia-a-dia, ao quotidiano dos portugueses que parecia afastado das preocupações governativas. E aí assumiram especial importância os contactos desenvolvidos pela Primeiro-Ministro em todas as zonas do país e que se prolongaram depois das eleições com uma visita de Lurdes Pintasilgo ao Algarve. E este aspecto, que Teresa Santa Clara Gomes classificou como a «micro-política», teve o reverso na «macropolítica» com que se exerceu a dinâmica isenção de Portugal no Mundo e a sua intervenção nos principais problemas que se suscitaram na comunidade internacional. Foi assim que Portugal foi o primeiro país ocidental a condenar a violação do estatuto diplomático da Embaixada dos EUA no Irão. Esta perspectiva de engrandecimento da posição externa do país teve o seu ponto alto na intervenção de Maria de Lurdes Pintasilgo nas Nações Unidas.

A sua importância reconhece-se facilmente no almoço de homenagem promovido pelo corpo diplomático à Primeiro-Ministro, no qual participaram todos os embaixadores acreditados em Lisboa, excepto um que se encontrava doente.

Os três objectivos a que se propunha o Governo no Programa que apresentou à Assembleia da República — preparar as eleições, criar um clima propício à opção política livre dos portugueses e descentralizar a governação para melhorar o nível de satisfação das necessidades básicas dos portugueses — foram, de acordo com as palavras de Teresa Santa Clara Gomes, atingidos de forma diferente. Se os dois primeiros se encontram hoje plenamente realizados, pelo menos naquilo que cabe ao Governo realizar, no último, e que talvez assumisse maior importância, ficou-se aquém do que se pretendia. Apesar da importância das me-

das adoptadas, nomeadamente no campo social, muito ficou por fazer. Principalmente em sectores como a habitação e a agricultura, onde as intenções do Governo era fazer mais e melhor, mesmo tendo em conta o plano de curto prazo em que actuava. Para as dificuldades sentidas e como justificação parcial e não essencial de não se terem atingido as metas previstas, Teresa Santa Clara Gomes apontou-nos o pluralismo no seio do Governo. Mas aqui, nestas dificuldades, o factor fundamental foi a falta de flexibilidade da máquina administrativa do Estado, que não respondeu com rapidez às solicitações do Governo nem às necessidades formuladas pelas populações. E mais uma vez cabe aqui uma palavra para a actividade da Primeiro-Ministro. Ao longo das suas deslocações pelo país conseguiram-se desbloquear muitas situações que, por motivos apenas burocráticos, estavam enclachadas no Terreiro do Paço.

Toda a actividade governativa dos últimos meses desenvolveu-se, apesar de tudo, em circunstâncias que pareciam á primeira vista adversas. Isolado no Parlamento quando da votação do Programa, o Governo assim continuou ao longo dos «cem dias», apesar de apoios assegurados por alguns partidos a medidas pontuais. Se a oposição dos partidos que hoje constituem a Aliança Democrática, foi uma constante, a posição de quase neutralidade dos partidos de esquerda em relação ao Governo foi também um facto. Mas se isso não impediu que se tenha de reconhecer que de acordo com a secretária de Estado adjunta, que tem funcionado como braço direito de Lurdes Pintasilgo, «outros governos, mais apoiados do que este não manifestaram a força nem tiveram a energia de que este foi capaz», depois de traçar para si mesmo uma directiva no sentido de dar prioridade ao sector social.

Qualquer balanço da actividade do V Governo, num período difícil da política portuguesa, fica sem dúvida incompleto sem uma referência à Primeiro-Ministro. «O estilo pessoal de Maria de Lurdes Pintasilgo, disse-nos Teresa Santa Clara Gomes, «a sua linguagem mais próxima do povo e a sua grande franqueza, o seu carácter por vezes antipolítico e antidiplomático caracterizaram o Governo. E foram também a fonte de um incremento da simpatia popular em relação à figura da Primeiro-Ministro, na qual as populações reconhecem preocupações em relação ao seu bem-estar».